



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10958 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 24 - Arte, educação e linguagens

PESQUISAS CARTOGRÁFICAS COM ARTE E LITERATURA EM EDUCAÇÃO

Gilcilene Dias da Costa - UFPA - Universidade Federal do Pará

José Valdinei Albuquerque Miranda - UFPA - Universidade Federal do Pará

PESQUISAS CARTOGRÁFICAS COM ARTE E LITERATURA EM EDUCAÇÃO

Linhas Rizomáticas

Este texto perfaz os traçados rizomáticos de um trabalho coletivo de pesquisa na pós-graduação e na graduação produzido pelo Grupo de Pesquisa ANARKHOS – Micropolíticas, Arte-Performance e Experimentações Literárias na Educação (UFPA/CNPq), criado no ano de 2018. A proposta do grupo consiste em articular diferentes perspectivas de pesquisa em arte, literatura e performatividades de corpo e gênero na pesquisa em educação, em suas zonas de vizinhança com a Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari, arte-literatura e os estudos da Performance. Potencializa pesquisas-intervenções que rompem com os modelos instituídos da pesquisa acadêmica, experimentando uma livre arte em seus devires anárquicos na educação.

Por rizomas e cartografias anárquicas, o grupo traça linhas intensivas com uma arte minoritária nas pesquisas em educação, por experimentações literárias e performatividades do corpo e microfeminilidades. As cartografias anárquicas traçam linhas de fuga nos (des)territórios da educação e suas multiplicidades, instigando as experimentações da escrita e da arte por devires e potências de criação.

O caminho aberto por essas vivências coletivas instiga a percorrer os labirintos cartográficos de uma arte experimental em educação, mobiliza pesquisadores e pesquisadoras a traçar novas perspectivas e percursos metodológicos, a construir mapas conceituais a partir de uma proposta de pesquisa-intervenção que se produz em meio a encontros, afetações e criações envolvidos pela atmosfera de um corpo-escritura em pulsações anárquicas na educação.

A cartografia dos rizomas, entendida como prática filosófica e método de pesquisa, permite o acompanhamento dos processos de criação com as artes performativas do corpo e as artes literárias no campo da educação. A perspectiva do grupo é movida por pesquisas em arte, literatura e estudos da performance, e visam, além de tensionar os territórios demarcados e instituídos da pesquisa em educação, criar espaços heterotópicos de liberdade e devires anárquicos em aliança com as micropolíticas da diferença, fazendo extravasar virtualizações libertárias com as artes do corpo e as artes de escrever na educação.

Neste ensaio, traçamos duas linhas rizomáticas de pesquisas experimentadas no grupo Anarkhos: 1) *cartografias literárias e corpo-escritura na educação*; e 2) *virtualizações libertárias com a arte-performance na educação*.

1. Cartografias literárias e corpo-escritura na educação

Aqui tomamos a proposição “cartografias literárias” (COSTA, 2022) para referirmos aos “movimentos rizomáticos da filosofia da diferença de Deleuze e Guattari ao encontro das inquietudes literárias experimentadas nas artes de escrever-pesquisar em educação” (p. 113). Nessa perspectiva, as cartografias literárias são modos nômades de pesquisar e fabular a criação de mundos singulares no real existente da literatura e da educação, pois, “a função fabuladora não consiste em imaginar nem em projetar um eu. Ela atinge, sobretudo, essas visões, eleva-se até esses devires ou potências” (DELEUZE, 1997, p.7). |As cartografias literárias são feitas de *rizomas* que se embrenham nas dobras e adjacências do pensar e das múltiplas linguagens para compor diferentes modos de pesquisar em meio à vida, pois, a arte, assim como a escritura, “está antes do lado informe, ou do inacabamento. (...) É um processo, ou seja, uma passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido” (DELEUZE, 1997, p.10).

Ao tecer conexões entre a literatura e a vida, “a noção de *cartografias literárias* articulada à pesquisa-rizoma em educação tece-se por um exercício “geo-filosófico-político” – na acepção de Deleuze e Guattari (1997) – a movimentar-se nas espacialidades internas e externas do escrever-pesquisar e nas irrupções subversivas e inventivas de um *corpo-escritura* a extravasar sentidos outros na educação” (COSTA, 2022, p. 113).

Destacamos três movimentos de pensamento experimentados nesta composição de uma cartografia literária:

Experimentar as potências dos encontros. Percorrer as “zonas de vizinhança” entre a filosofia, a arte, a literatura e a educação desafia a pesquisa-rizoma a experimentar as potências dos encontros, sem o assombro dos binarismos, das hierarquias ou sobreposições, sem a função de “refletir-sobre” uma área e outra, sem a presunção de um sujeito a dizer “eu” e a reclamar por significações. O desafio neste aspecto consiste em experimentar as

potências dos encontros entre filosofia, arte, literatura, educação, na produção de um pesquisar inventivo, tecido com as “artes dos encontros e das afecções” (Deleuze e Guattari), capaz de afetar e afetar-se por intensidades vívidas de um corpo-escritura em suas potências de criação e transgressão.

Instigada a experimentar-criar tais conexões, a pesquisa-rizoma põe à deriva o próprio ato de pesquisar, levantando suas próprias questões: Como percorrer as geografias nômades do pensamento da diferença e da educação nos labirintos de um *livro-rizoma*? Por onde opera um livro-rizoma na pesquisa cartográfica em educação? Como extrair de um *livro-rizoma* as potências minoritárias de um “povo que falta”? Como traçar a linha transversal – a linha feiticeira, a linha de fuga – entre a literatura e a vida, nos labirintos de um *livro-rizoma*? Que questões um corpo-escritura lança à literatura e à educação? Que provocações o *devoir-mulher* da literatura lança às artes de escrever-educar? Que traçados e mapas se abrem em uma cartografia literária na educação? Como compor um plano comum – poético-político minoritário – entre a literatura e a educação? Como canalizar as linhas de fuga e os fluxos de vida de um corpo-escritura poético-político-feminista, nas veredas de um *livro-rizoma* na educação? Que *transcrições* poderão nascer do encontro entre a literatura e a vida, da potência do *fora* na educação? Como percorrer o espaço nômade e insólito de um *livro-rizoma* à espreita de devires e multiplicidades poéticas-políticas nas artes de escrever-educar?

O desafio desse pesquisar-agenciar um corpo-escritura de pensamento nos desvios da máquina literária na pesquisa-rizoma supõe um duplo movimento de *transcrição*: o de *crítica* ou ruptura aos modelos convencionais do pesquisar pautado na relação dual de causa-efeito, sujeito-objeto, verdadeiro-falso, real-ficcional, e o de *clínica* ou criação de movimentos cartográficos conectados por platôs de pensamentos, fabulações e devires de um “real existente” indeterminado, à espreita de problematização e criação.

Traçar um plano comum cartográfico. As aberturas e os encontros das artes de escrever-pesquisar propiciam um caminhar *com* intercessoras e intercessores por zonas amorosas e animosas indeterminadas, criar aliados e rivais a movimentar as potências de afinidades e intrigas. Traçar um plano comum por cartografias literárias na educação implica levantar um problema em comum a percorrer os elementos em relação. Um plano comum de uma cartografia literária se configura por um bom encontro em livre transitar: ir da literatura às artes de escrever e das artes de escrever às artes de educar, de modo que algo desponte como inquietude incontornável, o nascimento de uma questão como um duplo movimento que desafia o pensar, um jogo das artes de escrever-educar.

As cartografias literárias intentam desbravar as geografias nômades do “real existente” literário, fazer confluir as derivas e os devires da arte-literatura com os canais da pesquisa em educação, provocar ranhuras na representação dos universais, ao que Deleuze chamou de “imagem dogmáticas do pensamento” (DELEUZE, 1988), abrir fissuras, fluxos, vazamentos de “microfeminilidades” na máquina literária e na máquina social a fim de

extravasar as artes libertárias de escrever-educar.

Criar agenciamentos coletivos de uma arte de escrever-educar. Produzir povoamentos de vidas múltiplas de um devir-mulher do corpo-escritura implica provocar o acontecer do novo, onde arte e literatura não se convertem em meros instrumentos de informação ou comunicação, ou ainda em um recurso ficcional de fuga da realidade, ao contrário, um corpo-escritura produz suas próprias fabulações e rebeliões, nele se fabula um “povo que falta” ou uma “literatura menor” (DELEUZE E GUATTARI, 2014), isto é, uma comunidade de intercessoras e intercessores com quem se agencia a vida, para reverberar gritos de liberdade, produzir alianças e enunciações coletivas, afirmar a vida em sua singularidade e multiplicidade, entoar um coro coletivo e resistir à morte. “Transver o mundo por múltiplos closes, agenciar multidões para enfrentar os fascismos, os colonialismos, o patriarcalismo com a cabeça erguida, já não sozinhas, mas, “em bando”, com gritos e mãos coletivas, e, sobretudo, *devorar o mundo*, com desejo de criação de mundos-outros, vidas livres e múltiplas, com um sonoro **Sim!**” (COSTA, 2022, p. 124).

2. Virtualizações libertárias com a arte-performance na educação

A arte-performance percorre as linhas traçadas nas fronteiras das artes performativas do corpo, filosofia da diferença e educação, sua perspectiva produz rupturas epistemológicas e potencializa pesquisas cartográficas, redesenhando os tempos-espacos educacionais. Pereira (2013, p. 23) em seu estudo sobre *Performance docente*, afirma: “A pergunta pela performance está em voga, sobretudo no campo da educação”. Pergunta que abre inúmeras perspectivas para se pensar as conexões possíveis entre os Estudos da Performance, Filosofia da Diferença e a Educação, além dos múltiplos caminhos a serem percorridos e experimentados nessas zonas de interseção.

Esse processo de produção de outros espaços vivenciados com a arte-performance no grupo Anarkhos potencializa pensar virtualização libertárias e linhas de ruptura aos territórios instituídos na educação, criando espaços de “heterotopias” (FOUCAULT, 2013), “contrapositionamentos” (BRITO, 2016) e “linhas de fuga” (DELEUZE, 1996) por vetores de uma arte performativa do corpo na educação.

Uma arte anárquica do corpo em experimentação. Em meio a essa atmosfera performativa, a arte anárquica envolve a presença do corpo livre em processo de experimentação e criação, uma arte composta por uma atitude de crítica e ruptura com o instituído enquanto verdade cotidiana. Para Glusberg (2013, p. 72), “as performances realizam uma crítica às situações de vida: a impostura dos dramas convencionais, o jogo de espelhos que envolve nossas atitudes e sobretudo a natureza estereotipada de nossos hábitos e ações”.

Esse processo de crítica e ruptura que envolve a performance produz outras zonas

de experimentação com a arte e a criação de espaços heterotópicos na educação. A arte da performance provoca rupturas nos territórios instituídos, criando insurreições e linhas de fugas no limiar entre arte e educação, levando a tensionar: Como pensar/experimentar a performance na perspectiva de uma arte menor na educação? O que pode um corpo e uma arte anárquica em suas performatividades e microfeminilidades na educação? Como fazer o corpo e a arte escaparem aos regimes disciplinares da escola, potencializando as performatividades de uma arte viva?

Estas são questões desafiadoras a pensar, uma vez que a escola em sua estrutura arquitetônica e curricular convive com a organização de um tempo-espço já estabelecido e estruturado a partir de normas, técnicas e conhecimentos pautados no princípio da demarcação dos espaços disciplinares. Isso indica que a performance em sua conexão com a educação não deixa de ser uma provocação e transgressão, uma vez que abre a possibilidade de experimentar uma arte livre e novas práticas educativas que desestabilizam as estruturas curriculares disciplinares da escola. Seu acontecimento produz novos encontros com a arte e desterritorializa os espaços da educação, instiga à liberdade do corpo e à potência do aprender, provoca estranhamento e incomoda os valores conservadores inscritos nos modelos pedagógicos instituídos. Nas palavras de Cohen (2003, p. 31), “a performance se caracteriza por ser uma expressão anárquica que visa escapar de limites disciplinantes...”.

Com a arte-performance, não se trata de instituir modelos, mas experimentar novos percursos de pesquisa e construir novos mapas epistemológicos, por meio da multiplicidade de pontos de contato entre Filosofia da Diferença, Performance e Educação, fazendo com que a experiência educativa seja deslocada de sua habitual configuração. Nessa perspectiva, “a performance constitui uma atividade de (des)territorialização para educação” (PEREIRA, 2013, p. 07), pois promove uma multiplicidade de “experimentações disruptoras” (COHEN, 2002), agencia encontros, cria espaços heterotópicos de afetações e sensações com as artes vivenciadas nas pesquisas e experimentações do Grupo Anarkhos.

Uma arte anárquica de transgressão e criação. Pensar a arte-performance em estreita conexão com a educação é um ato de transgressão e criação, pois implica traçar uma linha de ruptura epistemológica com os padrões curriculares de organização de ensino e aprendizagem e construir um novo plano conceitual que transversaliza a arte-performance no tempo-espço da educação.

Uma arte subversiva que sugere pensar o inusitado, que transita transversalmente nos territórios da arte-performance envolvendo experimentações com o corpo, a poesia, as artes visuais, o teatro, a dança, a música para lançar na cena artística e educacional uma nova expressão em arte a interligar corpo e pensamento, a revitalizar o processo do aprender e produzir desterritorializações e subversões pedagógicas na educação. Nas palavras de Conte e Pereira (2013, p. 96), “a performance é intrinsecamente subversiva (ato de resistência) e tem como efeito desnaturalizar e desautorizar a estrutura de dominação, revelando-se como instância de construção social e mudança”.

A performance na educação cria sua própria linguagem, espacialidade e temporalidade, colocando em funcionamento movimentações corporais diferenciadas que produzem espaços de “heterotopias” (FOUCAULT, 2013) nos lugares instituídos. A performance como arte anárquica de fronteira mobiliza experimentações híbridas, transversais e provocações criativas na educação. Em sua expressão experimental dispara processos de criação por aglutinação, ruptura, conexão e cruzamento com diferentes campos de conhecimentos, instiga novos modos de ensinar-aprender, observar-intervir e, com isso, potencializa outros espaços-tempos de liberdade na educação. “Uma arte por experimentações performáticas que desvia de modelos educacionais disciplinares instituídos e busca construir outras conexões e relações com o corpo e o aprender na educação” (MIRANDA E FAIAL, 2021, p. 3).

Envolver a arte-performance na atmosfera educacional possibilita construir uma zona de intercessão em um espaço de fronteira, indeterminado da arte e da prática pedagógica, um espaço de fronteira da criação de heterotopias e convivências múltiplas que envolve variações de linguagens, potências de criação e expressão da singularidade e da diferença na companhia da arte. Nesse sentido, Zordan (2013, p.175) afirma que “performáticos são todos os artistas, professores, bandos e povos que praticam uma ética guiada por afetos alegres, aqueles que potencializam os bons encontros, aqueles encontros que ajudam os corpos a melhor comporem-se uns com os outros”.

No tempo-espaço da educação, o encontro com a arte da performance provoca nos participantes um processo de criação e liberação de um corpo-pensamento que experimenta uma arte livre nas pesquisas em educação. Essa perspectiva experimental e anárquica de pensar a performance na educação mobiliza novas práticas pedagógicas e dinamiza novos processos de ensinar e aprender, de forma coletiva e criativa, a partir de alguns aspectos relacionados à performance como arte interventiva corporal e híbrida a produzir “desterritorializações pedagógicas na educação” (PEREIRA, 2013).

Entrecruzar filosofia da diferença e arte-performance na pesquisa em educação possibilita construir uma zona de intercessão em um espaço de fronteira indeterminado entre arte e corpo, um espaço de virtualizações libertárias, de heterotopias e contraposicionamentos que agenciam as convivências múltiplas, as variações de linguagens, as potências de criação da arte como expressão da singularidade e da diferença na educação.

Linhas de Saída

Este texto buscou percorrer algumas linhas cartográficas de pesquisa em educação experimentadas nas vivências do Grupo ANARKHOS, destacando a perspectiva de uma *pesquisa-rizoma* tecida por conexões entre arte, literatura e educação. São pesquisas experimentadas sem o recurso aos binarismos, hierarquias ou sobreposições entre as áreas;

uma arte dos encontros que agencia potências e devires, que traça planos comuns entre os seus componentes, produzindo alianças e linhas de fuga, criando mundos-outros, sentidos-outros, relações-outras por um aprender-ensinar que é também um desaprender e um inventar; uma pesquisa-intervenção que coloca sob suspeita os modelos convencionais do educar encerrados em padrões socialmente estabelecidos, para fazer aparecer as multiplicidades e suas relações com a vida.

De suas múltiplas entradas nos labirintos das artes e das artes de escrever em educação, percorremos as duas linhas rizomáticas que compõem as pesquisas cartográficas do grupo Anarkhos: 1) *cartografias literárias e corpo-escritura na educação*; e 2) *virtualizações libertárias com a arte-performance na educação*. Essas linhas potencializam um pensamento-rizoma, traçando as cartografias experimentais de um corpo-escritura e das microfeminilidades anárquicas que subvertem os modelos instituídos na pesquisa em educação. Pelos traçados dessas cartografias rizomáticas criam-se as linhas de fuga em aliança com as micropolíticas da diferença, fazendo fervilhar os fluxos de uma viva arte.

Os trajetos cartográficos dessa pesquisa-rizoma desbravam as geografias do pensar por voos contínuos e pousos provisórios, com uma atenção sensível e não determinada a percorrer os circuitos existentes e a traçar novos mapas e encontros nos movimentos do devir da pesquisa. A pesquisa cartográfica com arte-performance e corpo-escritura se embrenha por fios e linhas molares e moleculares, rígidas e maleáveis que se movimentam em múltiplas direções, à espreita do que inquieta e desafia o escrever-pesquisar nas derivas da criação.

Palavras-chave: Arte; Literatura; Pesquisas Cartográficas; Educação; Grupo Anarkhos.

Referências

BRITTO, Ludmila. **Arte colaborativa e a criação de heterotopias**. Revista-valise, Porto Alegre/RS, v.06, n.12, ano 06, dezembro 2016.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia v.1**. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**. São Paulo, Perspectiva, 2002.

COSTA, Gilcilene Dias da. Cartografias literárias nas artes de escrever-pesquisar. In LEMOS,

Flávia Cristina Silveira *et. al.* (Organizadores). **Encontros de Michel Foucault com Gilles Deleuze e Félix Guattari: governamentalidades, arqueogenealogias e cartografias.** – Curitiba: CRV, 2022, p. 113-125.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias.** São Paulo: n-1 Edições, 2013.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance.** 2ª edição. Tradução. Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MIRANDA, José Valdinei A.; FAIAL, Carla Alice. **Corpo e arte-performance na escola básica.** Revista de Educação Pública, v. 30, p. 1-20, jan./dez. 2021.

PEREIRA, Marcelo de Andrade (Org.). **Performance e educação: [des]territorializações pedagógicas.** Santa Maria: Editora-UFSM, 2013.

ZORDAN, Paola. Corpo: conceituações e exemplificações com Spinoza. In: PEREIRA, Marcelo de Andrade (Org.). **Performance e educação: [des]territorializações pedagógicas.** Santa Maria: Editora-UFSM, 2013.